



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

Empreendedorismo Étnico: percurso atual e direcionamentos futuros

HUMBERTO REIS DOS SANTOS SOUZA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ)

EDSON SADAÓ IIZUKA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL INACIANA PE SABÓIA DE MEDEIROS (FEI)

MAXWEL DE AZEVEDO-FERREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

OSEAS XAVIER NETO

FUNDACAO GETULIO VARGAS/EBAPE

Agradecimento à órgão de fomento:

Fundação Educacional Inaciana - FEI Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Empreendedorismo Étnico: percurso atual e direcionamentos futuros

1. Introdução

Empreendedorismo Étnico (EE) é um fenômeno organizacional emergente que pode ser influenciado pela cultura, história, identidade, religião, etnia, raça dentre outros. Ganha contornos quando da migração para o trabalho em países com renda e oportunidades mais rentáveis que o país de origem. O fenômeno também pode ser influenciado pelas diásporas, por conflitos e/ou catástrofes. Além disso, embora haja um esforço de pesquisa de cerca de vinte anos, ainda há espaço para avanços (Cruz, Falcão, & Barreto, 2018, Dheer, & Lenartowicz, 2018, Indarti et al., 2020, Sinkovics & Reuber, 2021, Vershinina & Rodgers, 2019, Zhou, 2004).

Complementarmente, a partir das barreiras impostas pelo preconceito na difusão da diversidade étnica na sociedade moderna e, conseqüentemente, nas organizações, muitos sujeitos deixados à margem, decidem empreender na busca de igualdade de oportunidades, valorização do grupo étnico, engajamento ou até mesmo por sobrevivência (Indarti, Hapsari, Lukito-Budi, & Virgosita, 2020).

Adicionalmente, cumpre destacar que o fenômeno da migração internacional também pode interferir na dinâmica do empreendedorismo étnico. Entre 2008 e 2012, por exemplo, 25% dos negócios iniciados nos Estados Unidos foram iniciados por imigrantes (Kerr & Kerr, 2020). Segundo o Relatório da Migração Mundial, cerca de 281 milhões de pessoas deixaram seus países em 2020. No mesmo ano, foram enviados cerca de 540 bilhões de dólares para os países de origem com baixa ou média renda. Evidentemente, espera-se que essas remessas influenciem o empreendedorismo nos países de origem e nos países receptores (McAuliffe & Triandafyllidou, 2021).

Nesse sentido, destaca-se a necessidade da compreensão da produção científica sobre o empreendedorismo étnico (EE), bem como, suas diferentes influências e dinâmicas. Nesse sentido, justifica-se a construção deste estudo a partir das seguintes perguntas de pesquisa: (i) quais as características da pesquisa em empreendedorismo étnico no mundo? (ii) Como as pesquisas desenvolveram-se nos últimos cinco anos? (iii) Quais as abordagens teóricas utilizadas? (iv) Quais são os temas abordados? (v) Qual a agenda de pesquisa futura? Desse modo, tem-se como objetivo construir uma revisão que seja capaz de responder esses questionamentos.

Para responder esses questionamentos, o estudo está organizado a partir desta introdução, breve fundamentação, seguida dos procedimentos metodológicos. Na sequência, são apresentadas as discussões dos resultados que fundamentam as considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

As ligações étnicas são vistas de várias maneiras como formas de preservar um patrimônio cultural ao qual determinado grupo se identifica, para o posicionamento frente às linhas de classe, para proteger ou obter vantagens econômicas e políticas para grupos desfavorecidos, para fornecer uma conexão mais aproximada frente à impessoalidade das grandes sociedades e para pontuar as falhas do Estado frente aos direitos de determinados grupos étnicos (Yinger, 1985).

O empreendedorismo étnico é assim definido como todos os empreendimentos iniciados, executados, apoiados, sustentados e desenvolvidos por um indivíduo, família ou grupos de pessoas que pertencem a um dos chamados grupos étnicos (Selvarajah & Masli, 2011). Também, pode-se definir empreendedorismo étnico como movimento cuja participação no grupo está ligada a uma herança ou origem cultural comum, com objetivos que a visem a exploração de uma oportunidade e a valorização cultural e, que proporcione algum tipo de engajamento com grupos/questiones étnicos (Drori, Honig, & Wright, 2009, Indarti et al., 2020, Ma, Zhao, Wang, & Lee, 2013, Sithas & Surangi, 2021, Yinger, 1985). No entanto, ainda não há um frame teórico claro para o fenômeno (Sinkovics & Reuber, 2021, Vershinina & Rodgers, 2019, Zhou, 2004).

Um esforço teórico do campo gira em torno de três principais pilares (Vershinina & Rodgers, 2019): os estudos de capital social de Bourdieu (1986), da teoria da imersão de

Granovetter (1985), o no conceito de imersão mista de Kloosterman (2010), Kloosterman e Rath, (2001) e Kloosterman, Van Der Leun, e Rath (1999).

Os estudos em empreendedorismo étnico/migrante salientam a construção de redes de maneira fundamental para o sucesso do negócio. A inserção do empreendedor em determinada rede étnica, podendo usufruir do seu capital social, parece apresentar um efeito moderador no processo de empreender (Chen, & Redding, 2017, Nazareno, Zhou, & You, 2018, Williams, & Krasniqi, 2018). Mesmo que o empreendedor inicie um negócio por necessidade, o papel da família, do capital humano e social e das redes, do ambiente institucional são elementos fundamentais, por exemplo (Cho, Moon, & Bounkhong, 2019, Kazlou, & Wennberg, 2021, Rodríguez-Gutiérrez, Romero, & Yu, 2020, Yetkin & Tunçalp, ahead-of-print).

Notadamente, como salientado por Granovetter (1985), apenas os fatores econômicos não seriam suficientes para determinar o sucesso dos empreendedores étnicos, até porque, por vezes o acesso ao capital é dificultado para esse grupo (Cruz, Falcão, & Barreto, 2018, Howell, 2019, Nazareno, Zhou, & You, 2018, Wang, & Warn, 2018a). Desse modo, parece haver uma imersão em uma gama de fatores em que o empreendedor étnico se alicerça para constituir um novo negócio (Yetkin & Tunçalp, ahead-of-print). Nesses conceitos, é que se apoiam os achados de Kloosterman (2010), ao avançar seus estudos a partir dos achados de Granovetter (1985).

Pode-se adicionar a esse debate outros elementos que emergem dos processos atrelados ao empreendedorismo étnico. Entre eles destaca-se o protagonismo feminino que, por vezes, necessita de outros suportes para o enfrentamento de barreiras culturais, religiosas, sexistas, estruturais, institucionais, dentre outras (Ratten & Dana, 2017, Senthana et al., 2021, Song-Naba, 2020).

Em outro exemplo, o estudo de Fesselmeyer e Seah (2017), demonstra que negros que vivem em cidades com maior nível de segregação racial têm maior probabilidade de abrir seu próprio negócio. O mesmo estudo demonstra que a iniciativa do empreendedorismo negro pode surgir a partir do racismo, do isolamento econômico e de algum tipo de privação. Nesse sentido, o preconceito e a discriminação podem influenciar o empreendedor étnico na sua decisão de empreender (Alexandre, Salloum, & Alalam, 2019, Chababi, Chreim, & Spence, 2017, Cho, Moon, & Bounkhong, 2019, Ojo, 2021, Wang, & Warn, 2018b).

Além disso, Segundo Changanti e Greene (2002), o empreendedorismo étnico pode estar associado ao nível de envolvimento pessoal do empreendedor na comunidade étnica e não apenas à autonomia do grupo étnico. O estudo demonstra que o nível de envolvimento pessoal do empreendedor com as causas do seu grupo étnico pode influenciar a autopercepção do desempenho do negócio. Os autores demonstram que há indícios de que os empreendedores mais envolvidos com seus respectivos grupos étnicos têm uma percepção de desempenho menor do que a percepção dos empreendedores étnicos com menos envolvimento com seus respectivos grupos. Isso pode indicar que alguns empreendedores, mesmo percebendo a possibilidade de melhora no desempenho econômico, mantêm uma estratégia focada na comunidade e/ou no enclave étnico. Assim, o EE representa um fenômeno organizacional complexo, interrelacionado, multifacetado, inter e multidisciplinar (Sinkovics & Reuber, 2021).

3. Método

A pesquisa de cunho qualitativo, caracteriza-se por uma revisão sistemática da literatura por meio de um estudo bibliométrico. Para a pesquisa, a base de dados escolhida foi a *Web of Science* (WoS) em sua coleção principal. A chave de pesquisa escolhida foi “*Ethnic Entrepreneur**”, por compreender o *core* do tema de pesquisa e por ter sido utilizada em estudos similares (Ilhan-Nas, Sahin, & Cilingir, 2011, Indarti, Hapsari, Lukito-Budi & Virgosita, 2020).

Foram encontrados 76 artigos, no período selecionado de 2017-2022. Esse período foi escolhido por congrega a maioria dos estudos produzidos durante a série histórica da produção científica. Como área de pesquisa foram delimitadas as áreas *Management* e *Business*, por compreenderem o recorte da investigação. A pesquisa foi realizada em 12 de abril de 2022. Dois

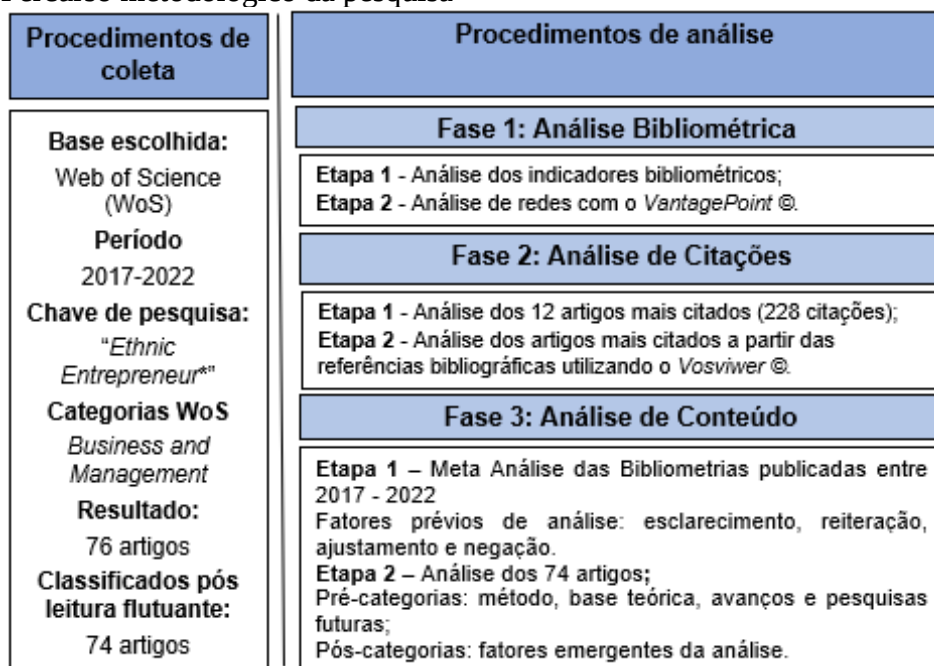
estudos foram excluídos, por meio de leitura flutuante, por não fazerem parte do escopo da pesquisa.

Delimitados os procedimentos de coleta, têm-se os procedimentos de análise. Na primeira fase da pesquisa, utilizou-se a análise bibliométrica para quantificar a produção científica e apresentar tendências e características do tema. Também utilizou-se a análise de rede por agrupamento para compreender clusters sociais e temáticos (Donthu, Kuma, Mukherjee, Pandey, & Lim, 2021). As redes foram construídas com base no software *VantagePoint*®.

Na segunda fase da pesquisa optou-se pela análise de citações, pois, essa técnica possui a característica de identificar o comportamento dos pesquisadores e as relações que se estabelecem entre eles durante o processo de comunicação científica (Donthu et al., 2021). A primeira fase dividiu-se em duas etapas. A primeira etapa contemplou a análise de citações apresentada pela *Web of Science*, que compreende uma análise global das citações, incluindo citações de outras áreas do conhecimento. Na segunda etapa, utilizou-se o software *Vosviewer*®. Nesse caso, a base de dados obtida pela WoS ofereceu o referencial dos estudos selecionados para essa pesquisa, propiciando uma análise mais focada no diálogo acadêmico do empreendedorismo étnico.

Na terceira fase da pesquisa, foi utilizada a análise de conteúdo para a categorização e análise dos artigos com a ajuda do software *Excel*®. Essa fase da pesquisa foi analisada em duas etapas. A primeira etapa compreendeu uma meta análise das bibliometrias produzidas no campo nos últimos cinco anos, por permitir uma análise histórica da produção científica. Além da análise histórica, realiza-se uma análise sobre como esses estudos se posicionam a partir das categorias de análise previamente estabelecidas. Para isso, utiliza-se análise de um diálogo acadêmico proposta por Huff (2008), que compreende os seguintes elementos: especulação, afirmação, clarificação, reiteração, ajustamento, negação, síntese, redirecionamento e refutação.

Figura 1 – Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

Para este estudo, foram utilizados quatro elementos do *frame* proposto, sendo: (1) Esclarecimento – estudos que apresentam explicações sobre a composição e conexões causais que expandam nosso conhecimento sobre um assunto significativo e interessante para a comunidade acadêmica; (2) Reiteração – estudos que esclarecem ideias mal compreendidas ou melhora-as; (3) Ajustamento: estudos que apresentam determinado tópico com fenômenos incompreendidos ou diferentes componentes ou diferentes relações causais; (4) Negação: estudos que rejeitam algum tipo de conhecimento amplamente compartilhado, a partir de novos achados (Huff, 2008). Assim,

as bibliometrias foram analisadas segundo os elementos descritos para compreender como os estudos se posicionam frente ao campo e para compreender as características da pesquisa em empreendedorismo étnico. Nesse caso, foram utilizadas categorias pré-estabelecidas na análise categorial proposta por Bardin (2016).

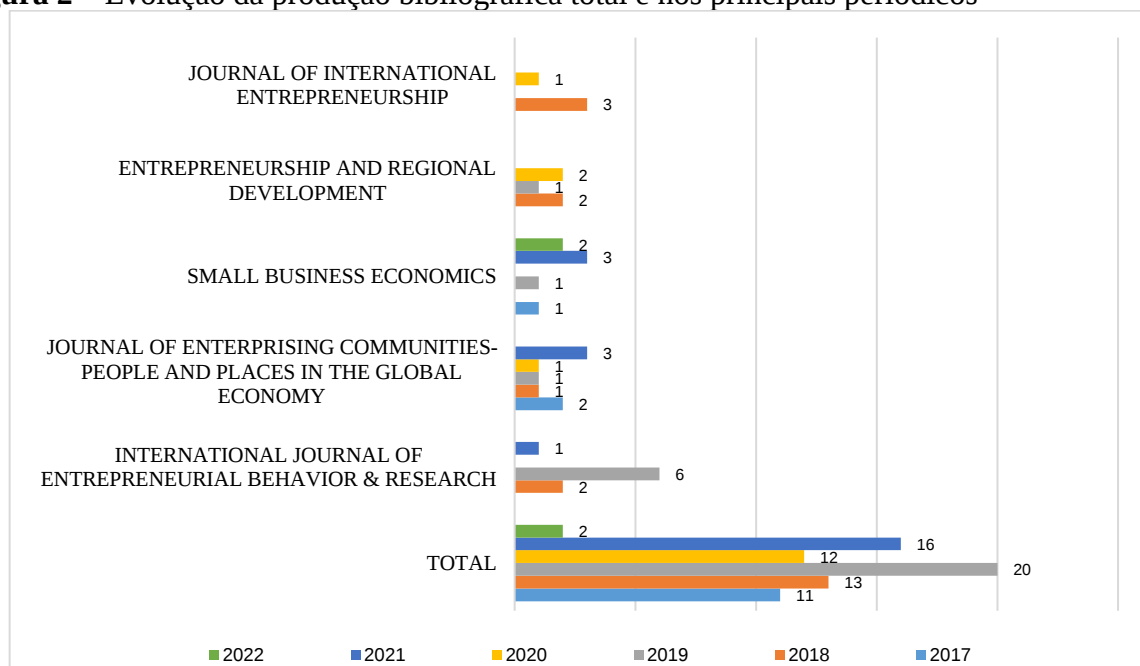
A segunda etapa da terceira fase, compreendeu a análise de conteúdo dos artigos selecionados a partir dos procedimentos de coleta. Nesse caso, foram utilizadas categorias pré e pós estabelecidas. As categorias pré estabelecidas tangenciam as características da produção bibliográfica no período (aporte teórico, método, países de origem dos grupos étnicos) e dados emergentes das contribuições e lacunas. O percurso metodológico da pesquisa visualiza-se na Figura 1.

4. Análise dos Resultados

4.1 - Fase I: Análise Bibliométrica

A Figura 2 demonstra como ocorre a evolução da produção científica, bem como, os principais periódicos do campo de pesquisa. Os picos de pesquisa ocorrem em 2019 e 2021 abrigoando cerca de metade dos estudos. Isso indica que o campo está em fase de crescimento com uma média de 14 estudos por ano (desconsiderando o curso de 2022).

Figura 2 – Evolução da produção bibliográfica total e nos principais periódicos



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2022.

O periódico que mais publicou no período foi o *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, sediado na Inglaterra. O foco do periódico é a perspectiva comportamental e internacional do empreendedorismo, o que justifica a publicação de nove artigos que envolveram a temática de empreendedorismo étnico no mundo em suas edições nos anos de 2018, 2019 e 2021. Nesse contexto, uma edição especial dessa revista, intitulada “Migração, empresas e sociedade”, foi publicada em 2019. Dos 18 artigos publicados nessa edição especial, cinco foram classificados nos parâmetros deste estudo.

Cabe destacar que os países que mais publicam estão distribuídos entre América do Norte (9 artigos provenientes dos Estados Unidos e 3 artigos provenientes do Canadá) e Europa Ocidental (30 artigos). Nota-se que dentre os países da Europa Ocidental destaca-se o Reino Unido com 11 artigos, o que também se justifica nas publicações provenientes do *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*.

A **Figura 3** demonstra a análise de redes de relacionamento entre os autores, utilizando o *VantagePoint*®. Como parâmetro, utilizou-se a construção de nódulos da rede a partir de dois

Nazareno, Zhou, & You, 2018, Williams & Krasniqi, 2018), com exceção para o capital social e a utilização de estruturas co-étnicas para o aprendizado e para o apoio ao desenvolvimento do negócio e para o enfrentamento de ameaças. Esses elementos estão presentes no estudo de Igwe e outros (2020) e no estudo de Szkudlarek e Wu (2018).

Figura 4 – Artigos mais citados na *Web of Science*

Artigo, autor e ano de publicação	Periódico	Citações
Fractionalization, entrepreneurship, and the institutional environment for entrepreneurship (Awaworyi Churchill, 2017).	Small Business Economics	35
Understanding the challenges of refugee entrepreneurship in tourism and hospitality (Alrawadie, Karayilan, & Cetin, 2019).	The Service Industries Journal	32
Gendered perspective of indigenous entrepreneurship (Ratten & Dana, 2017).	Small Enterprise Research	27
Coming out of conflict: How migrant entrepreneurs utilise human and social capital (Williams & Krasniqi, 2018).	Journal of International Entrepreneurship	23
Review of female immigrant entrepreneurship research: Past findings, gaps and ways forward. (Chreim, et al., 2018).	European Management Journal	23
Keeping it in the family: exploring Igbo ethnic entrepreneurial behaviour in Nigeria (Igwe et al., 2020).	Journal of Entrepreneurial Behavior & Research	19
Transnational entrepreneurship: opportunity identification and venture creation (Lundberg & Rehnfors, 2018).	Journal of International Entrepreneurship	19
Ethnic entrepreneurship, initial financing, and business performance in China (Howell, 2019).	Small Business Economics	18
Immigrant entrepreneurship contextualised: Becoming a female migrant entrepreneur in rural Norway (Munkejord, 2017).	Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy	17
Global dynamics of immigrant entrepreneurship Changing trends, ethnonational variations, and reconceptualizations (Nazareno, Zhou, & You, 2018).	International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research	15
Evaluations of export feasibility by immigrant and non-immigrant entrepreneurs in new technology-based firms (Bolzani & Boari, 2018)	Journal of International Entrepreneurship	14
The culturally contingent meaning of entrepreneurship: mixed embeddedness and co-ethnic ties (Szkudlarek & Wu, 2018).	Entrepreneurship & Regional Development	13

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados de pesquisa, 2022.

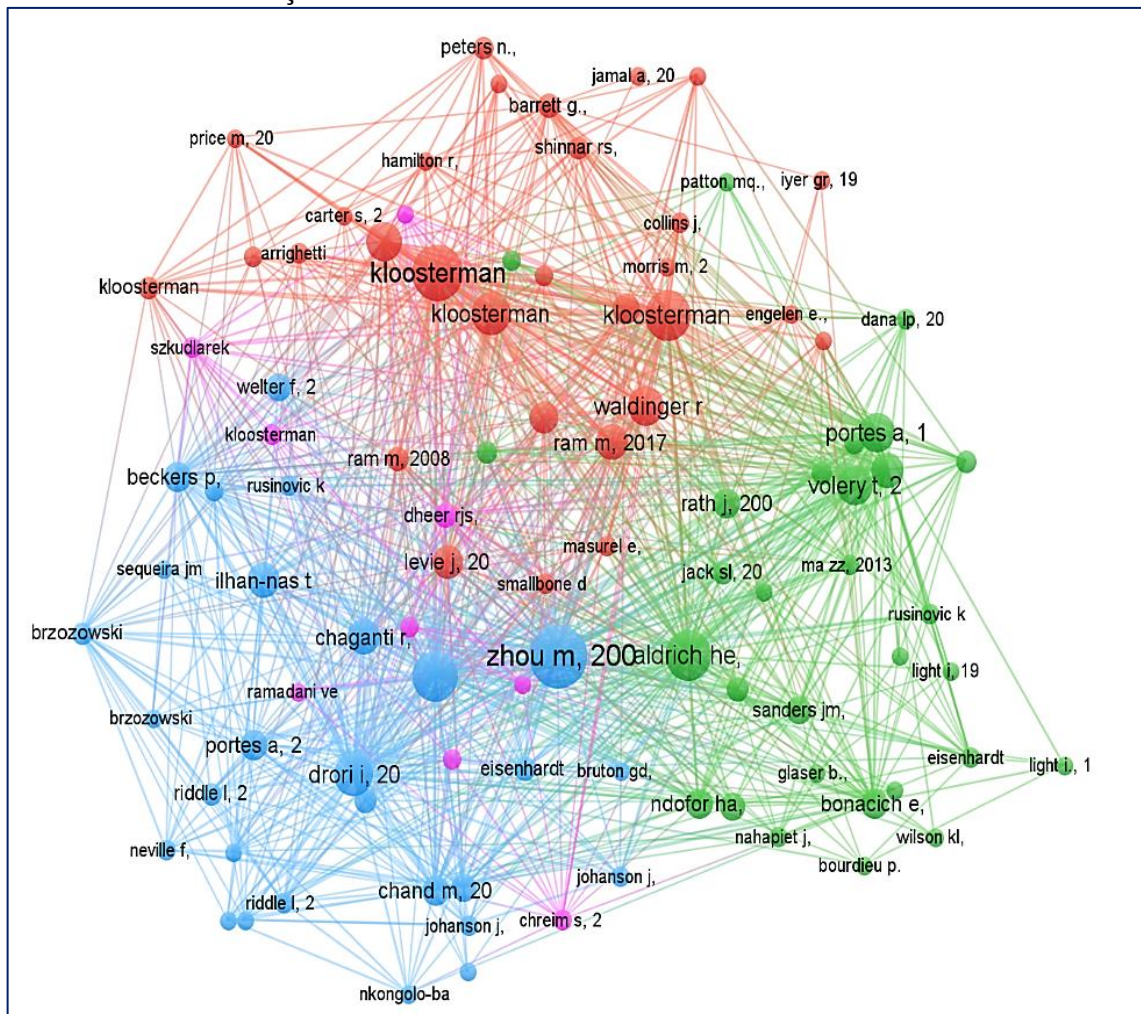
A questão dos refugiados também emerge, apontando o empreendedorismo como alternativa para o desemprego e subemprego (Munkejord, 2017) e, para o enfrentamento das ameaças provenientes do ambiente institucional e sociocultural (Alrawadie, Karayilan, & Cetin, 2019, Chreim, et al., 2018, Nazareno, Zhou, & You, 2018, Szkudlarek & Wu, 2018, Williams & Krasniqi, 2018). O empreendedorismo liderado por mulheres também está entre os temas mais referenciados, presente nos estudos de Ratten & Dana (2017), Chreim e outros (2018), Munkejord (2017), o que corresponde a 25% dos estudos mais citados. Os estudos destacam as diferenças de gênero presentes no ambiente empreendedor e a escolha da mulher pelo empreendedorismo para acesso a um salário satisfatório.

Como temas futuros de pesquisa, para além dos que já foram discutidos anteriormente no *core* dos artigos mais citados, destacam-se o papel da marginalização e da discriminação como estímulo ao empreendedorismo étnico (Igwe et al., 2020), a migração de empreendedores de países desenvolvidos para países em desenvolvimento, políticas públicas para fomento ao empreendedorismo étnico/migrante (Chreim, et al., 2018) e, empreendedorismo indígena (Igwe et al., 2020, Ratten & Dana, 2017).

Em contraponto, o estudo de (Awaworyi Churchill, 2017) questiona a influência negativa que a heterogeneidade étnica sobre um negócio. Para o autor, o impacto sobre o negócio étnico corresponde ao ambiente institucional em que ele está inserido e não apenas sobre a etnicidade do negócio. O estudo de Nazareno, Zhou e You, (2018) também demonstra uma mudança significativa no empreendedorismo migrante passando apenas de mão de obra barata, para negócios de tecnologia intensiva.

A segunda etapa da fase 2 da pesquisa, compreende a análise de citações por meio dos clusters apresentados no Vosviewer© (Figura 5). Diferentemente do relatório de citações apresentado pela WoS, a análise de citações do Vosviewer© compreende as citações utilizadas pelos artigos selecionados no estudo. Assim, possibilita-se compreender, a partir de uma análise agrupada, quais são as fontes de informação acadêmica mais citadas pelo campo.

Figura 5 - Rede de cocitação.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2022.

A Figura 5 demonstra a classificação das referências que foram citadas ao menos cinco vezes nos estudos em análise. De um total de 5159 referências citadas nos estudos, o software classificou 97 referências que estavam dentro do parâmetro. As referências foram agrupadas em quatro clusters. O critério de classificação segue a força da conexão entre as citações, ou seja, citações que são mencionadas ao mesmo tempo, com o mínimo de 2 artigos em conjunto. Nesse sentido, foram classificados 4 clusters.

Com 30 artigos o **cluster 1**, em vermelho, é o que apresenta mais densidade. Destacam-se os estudos de Kloosterman (2010), Kloosterman e Rath, (2001) e Kloosterman, Van Der Leun, e Rath (1999). Em comum, esses artigos apresentam o conceito de imersão mista, derivado do conceito de imersão de Granovetter. Os autores argumentam que para além das estruturas e recursos em que os empreendedores estão imersos, outras redes complexas são utilizadas. Utilizando os mesmos pressupostos da imersão mista de Kloosterman, os autores Jones, Ram, Edwards, Kiselinchev, & Muchenje (2014), demonstram como a imersão mista ocorre com empreendedores étnicos/imigrantes no centro leste da Inglaterra. Em um ensaio teórico, Ram, Jones e Villares-Varela (2017) apontam os limites e as potencialidades do conceito de imersão mista, indicando

caminhos para pesquisas futuras envolvendo a racialização da sociedade, fatores regulamentares, guetização de mercados e gênero. Nota-se com isso que o esforço do cluster 1 é posicionar a utilização do conceito de imersão mista para o processo de compreensão do empreendedorismo étnico.

O **cluster 2**, em azul, contém 28 artigos. Os estudos mais citados são, em sua maioria, estudos de levantamento bibliométrico ou ensaios teóricos. Zhou (2004) traça um perfil da pesquisa em empreendedorismo étnico e conclui que ainda há um imenso campo para debate e construções acadêmicas. Argumenta que os estudos apontam que o empreendedorismo étnico ainda representa uma saída para superar as barreiras do mercado de trabalho mediadas pelo preconceito, racismo ou subemprego. No entanto, os negócios liderados por empreendedores étnicos já não caracterizam-se apenas como rudimentares e circunscritos a determinados círculos, mas já englobam consideráveis níveis de escala e formalização.

Já os autores Aliaga-Isla & Rialp (2013) apresentam uma revisão sistemática da literatura sobre empreendedorismo imigrante. Apresentam os principais focos de estudo (EUA, Europa e Oceania), principais teorias utilizadas e os principais problemas teóricos do campo. Por outro lado, Drori, Honig, & Wright (2009), abordam o tema o empreendedorismo transnacional como um campo de pesquisa emergente e apresentam algumas perspectivas teóricas utilizadas para a compreensão do fenômeno. Dedicam um esforço ao empreendedorismo étnico, apresentando um breve *overview* sobre o tema.

Outro estudo bibliométrico é conduzido por Ilhan-Nas, Sahin, & Cilingir (2011), que debruça-se sobre a produção científica sobre empreendedorismo étnico internacional entre 1935 e 2009. Os achados demonstram os efeitos sobre o fenômeno no que tange ao transnacionalismo, imersão mista e interações entre capital social, humano e financeiro. Por fim, os autores Chaganti & Greene (2002), desenvolvem um estudo para refinar o conceito de empreendedor étnico e descobrem que é necessário incluir na definição o nível de envolvimento na comunidade em que o empreendedor está inserido. Demonstram também que esse envolvimento afeta o desempenho do negócio. Nota-se, com isso, que o esforço do cluster 2 é a compreensão do campo, com estudos teóricos e bibliométricos para verificar os limites e os espaços para avanços teóricos que relacionam o empreendedorismo étnico, transnacional, internacional e migrante.

O esforço do **cluster 3**, em verde, repousa sobre os debates ancorados, em grande parte, na Sociologia Econômica. Parte dos estudos cita o trabalho de Granovetter (1985) que critica a visão da ação econômica apresentando o contraponto da imersão social. Nesse sentido, os estudos do cluster 1 tem uma relação próxima com o cluster 3, na construção do conceito de imersão mista. Embora não seja o mais citado, cabe destaque ao texto “The Forms of Capital” de Pierre Bourdieu publicado em 1986. O cluster 3 indica as fontes teóricas mais robustas de pesquisa no campo e indica como o diálogo entre os pesquisadores se ancora.

O **cluster 4**, em rosa, apresenta artigos mais recentes com temas emergentes, como demonstra a análise anterior. Os estudos compreendem temas de cultura, políticas públicas e empreendedorismo étnico feminino (Chreim et al., 2018, Kloosterman, 2003, Szkudlarek & Wu, 2018, Verduijn & Essers, 2013). Conforme demonstra a Figura 3, o cluster quatro está pulverizado entre os clusters 1 e 2 (vermelho e azul), o que indica um diálogo com o campo empírico e teórico das pesquisas que, conseqüentemente, fazem emergir novos temas de estudo.

4.2 – Fase III - Análise de conteúdo

4.2.1 Etapa 1: Meta-Análise das bibliometrias

Após a análise dos clusters, passou-se a análise das bibliometrias produzidas no campo nos últimos cinco anos. Ao todo, foram produzidos 7 estudos, mas um estudo não foi encontrado em nenhuma base de dados gratuita. Nesses estudos, destaca-se o trabalho de Chreim et al., (2018), ao abordar o empreendedorismo feminino. A partir da revisão de literatura, os autores demonstram que alguns recursos que a empreendedora possui auxiliam na modelagem de estratégias que influenciam os resultados da organização em nível individual, empresarial e social.

Para os mesmos autores, esses elementos são influenciados pelos contextos culturais, institucionais, co-étnicos e pelo próprio contexto do país anfitrião. Apresentam também uma agenda de pesquisa envolvendo mais estudos sobre políticas públicas para empreendedoras imigrantes, ambiente institucional para o empreendedorismo feminino imigrante, comparação entre o movimento empreendedor imigrante em diferentes países, movimento de empreendedoras imigrantes de um país desenvolvido para países em desenvolvimento, diferenças entre empreendedoras migrantes já instaladas e para os recém chegadas, resultados e desempenho, utilização de recursos e estratégias adotadas (Chreim et al., 2018).

O trabalho posiciona-se como um **esclarecimento** e uma **reiteração** segundo os fatores de análise (Huff, 2008), porque apresenta uma explicação que expande o conhecimento existente e melhora a compreensão das diferenças de gênero em empreendedorismo étnico/imigrante. Como tema emergente, a análise diferenças entre gênero também aparece no estudo de Indarti e outros (2020).

O estudo de Sinkovics e Reuber, (2021), por meio da análise da literatura esclarecem que um dos fatores de sucesso para o empreendedor étnico/imigrante é a utilização das redes sociais étnicas no negócio. A discriminação aparece como um fator moderador. Yetkin e Tunçalp (no prelo), também salientam a importância da imersão na rede social étnica como uma ferramenta para enfrentar o racismo e a discriminação. Segundo o fator **esclarecimento** da análise de Huff (2008) essas são explicações que auxiliam na compreensão do fenômeno a partir de suas raízes.

Ainda, segundo a análise proposta por Huff (2008), os autores Sinkovics e Reuber (2021) apresentam um **ajustamento** ao conhecimento existente no que diz respeito ao país de acolhimento, onde a taxa de auto-emprego entre os migrantes é maior do que a de indivíduos nativos e que suas empresas provavelmente serão mais bem-sucedidas. Quanto a **reiteração** (Huff, 2008) os autores (Sinkovics & Reuber, 2021) salientam que existem fatores negativos que influenciam na decisão de empreender, tais como: fatores institucionais (mobilidade social bloqueada), questões de gênero na sociedade de origem, precariedade no mercado de trabalho no país anfitrião (incluindo exploração, abuso físico e verbal, discriminação e exclusão do mercado de trabalho).

Figura 6 – Síntese da Meta-análise dos Estudos Bibliométricos

Estudos Bibliométricos produzidos nos últimos 5 anos	Modelo de análise (Huff, 2008)			
	Esclarecimento	Reiteração	Ajustamento	Negação
Sinkovics, Reuber, (2021). Beyond disciplinary silos: A systematic analysis of the migrant entrepreneurship literature				
Yetkin e Tunçalp (no prelo). Beyond embedded or not embedded: immigrant entrepreneurs' embeddedness levels				
Nazareno, Zhou, & You (2018). Global dynamics of immigrant entrepreneurship Changing trends, ethnonational variations, and reconceptualizations				
Indarti, et al. (2020). Quo vadis, ethnic entrepreneurship? A bibliometric analysis of ethnic entrepreneurship in growing markets				
Chreim et al., (2018). Review of female immigrant entrepreneurship research: Past findings, gaps and ways forward				
Malki, Uman, & Pittino, (2020). The entrepreneurial financing of the immigrant entrepreneurs: a literature review				

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2022.

Os estudos de Sinkovics, Reuber, (2021) e Chreim et al., 2018, apresentam pontos de convergência ao abordarem os aspectos das redes co-étnicas no negócio. O nível de imersão social também aparece nos estudos de Yetkin e Tunçalp (no prelo) e Indarti, et al. (2020). Esses achados estão articulados com a análise de cocitação como demonstra o cluster 1 (Figuras 5)

No quesito **negação** do modelo de análise de Huff (2008), os autores (Sinkovics & Reuber, 2021) salientam que, diferentemente do que se acredita, negócios de imigrantes não são apenas

pequenos e marginais. Há nos EUA, por exemplo, negócios de imigrantes na área de alta tecnologia. Na mesma linha, o estudo de Nazareno, Zhou e You (2018) demonstra que algumas novas formas de empresas de imigrantes também mudaram de empresas locais, com uso intensivo de mão de obra e orientadas para serviços, para serviços profissionais diversificados e intensivos em conhecimento. Os empresários imigrantes podem agora ser encontrados em economias mais tradicionais e em diferentes setores, incluindo o setor de saúde e cuidados de longa duração.

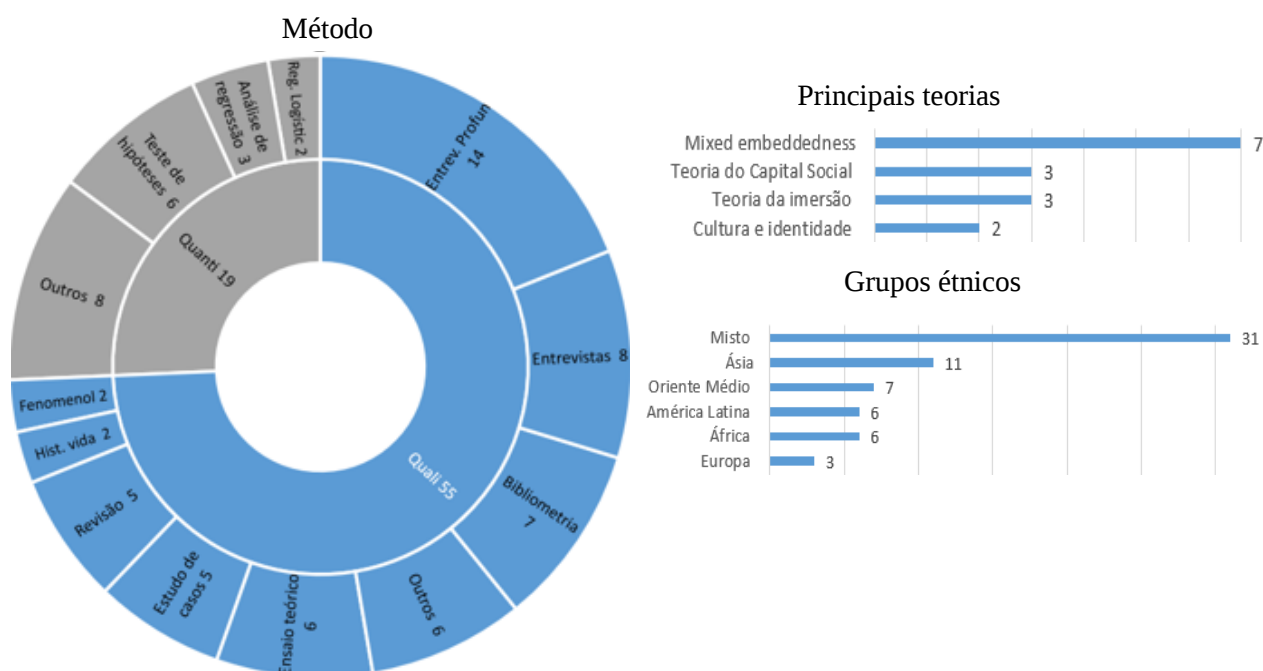
No entanto, a análise de Nazareno, Zhou e You (2018) também salienta que apesar empreendedores migrantes na área de tecnologia terem mais acesso ao capital, diplomas avançados e aproveitamento de suas carreiras profissionais nos EUA, ainda assim, os imigrantes ainda encontravam discriminação racial e barreiras culturais e um número desproporcional de poucos fez a transição para cargos executivos de alto perfil com poder de decisão executiva em algumas empresas líderes de alta tecnologia, demonstrando que o preconceito ainda representa uma barreira.

Por fim, o estudo de Malki, Uman e Pittino, (2020), **esclarece** que o acesso ao financiamento para um empreendedor étnico também apresenta barreiras mediadas pelo preconceito e pela educação. No entanto, a própria utilização das redes coétnicas figura-se como uma forma de enfrentamento às barreiras impostas ao financiamento. A utilização de redes coétnicas também coaduna-se com os estudos de Sinkovics e Reuber (2021), Chreim et al., 2018, Indarti, et al. (2020). Por fim, a Figura 6 sintetiza a análise das bibliometrias indicando os pontos de contribuição para a área de estudo do empreendedorismo étnico, segundo o modelo de análise teórica de Huff (2008).

4.2.2 – Etapa 2 - Análise de conteúdo dos 74 artigos

Conforme demonstra a Figura 7, pode-se verificar o aporte metodológico dos trabalhos, principais teorias utilizadas e países de onde se originaram os grupos étnicos. Quanto à abordagem metodológicas, 55 estudos classificaram-se como qualitativos, tendo as entrevistas como principal ferramenta de coleta nos estudos (22).

Figura 7 - Aporte metodológico, principais teorias utilizadas e países de onde se originaram os grupos étnicos.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

A pesquisa quantitativa aparece em menor número, com 19 estudos no total, sendo que, o teste de hipóteses figura-se como técnica predominante. Não há registros de estudos com métodos

mistos. Essas características podem indicar a aproximação do fenômeno por parte das pesquisas qualitativas, por permitirem uma análise do EE em profundidade e em determinado recorte da realidade. Importante salientar que estudos que englobem métodos mistos podem contribuir para o avanço do conhecimento sobre o tema.

Quanto ao aporte teórico, destaca-se a imersão mista ou *mixed embeddedness* fruto dos estudos de Kloosterman (2010) ao explicar a complexa rede que envolve o empreendedor na busca de melhorar a sua condição econômica. Nesse sentido, a imersão é muito complexa e não apenas focada no meio étnico. Esse entendimento, proporciona um avanço na compreensão da Teoria da Imersão de Granovetter (1985), em que se calcam 3 estudos. Também, com estreita relação entre os pressupostos anteriores, a Teoria do Capital Social de Bourdieu aparece como base teórica em três estudos (Bourdieu, 1986). Ao todo, 47 estudos não apresentam uma base teórica clara e, as abordagens teóricas restantes são pulverizadas, o que também dificulta o avanço do tema (Vershina & Rodgers, 2019, Zhou, 2004).

Os grupos étnicos estudados são compostos, em sua maioria, por etnias mistas. Mas destacam-se grupos provenientes da Ásia, especialmente da China e Índia. Destacou-se o Oriente Médio, pela existência de grupos que estão fugindo de algum conflito, como os Sírios. Essas novas dinâmicas envolvendo guerras, crises migratórias e refugiados também têm o potencial de influenciar as pesquisas sobre EE (McAuliffe & Triandafyllidou, 2021, Vershinina & Rodgers, 2019).

A Figura 8 demonstra os principais achados e lacunas para estudos futuros. Os temas Redes, Gênero e Cultura aparentam contemplar um esforço de pesquisa atual e que têm o potencial de fomentar mais estudos. Os achados demonstram o papel das redes étnicas na valorização da identidade étnica, na construção de redes para enfrentamento de barreiras para o negócio e na decisão de empreender. Nota-se, também, a necessidade de aprofundar os estudos sobre os efeitos das redes sobre a performance de empreendedores étnicos e sobre como essas redes são construídas em cada grupo étnico (Chen, & Redding, 2017, Kazlou, & Wennberg, 2021, Rodríguez-Gutiérrez, Romero, & Yu, 2020, Schøtt, 2018, Tehseen, Joshi, Hemmatian, & Robinson, 2020, Yetkin & Tunçalp, (ahead-of-print)).

Estudos que abordam a cultura também representam um esforço de pesquisa importante. A identidade cultural para o empreendedor étnico é um fator que influencia sua decisão de empreender. Para o empreendedor étnico pode haver uma troca cultural importante no processo de empreender e na exploração do mercado étnico. Estudos futuros poderiam identificar o papel da cultura entre diferentes grupos étnicos, gênero e gerações (Dheer, & Lenartowicz, 2018, Evansluong, Pasillas, & Bergström, 2019, Song-Naba, 2020, Tehseen et al, 2021, Tehseen & Anderson, 2020).

Figura 8 – Principais achados e lacunas

Principais achados	Ocorrências	Sugestões para novos estudos	Ocorrências
Redes	13	Gênero	9
Capital social	10	Negócios internacionais	9
Etnicidade	10	Cultura	9
Gênero	10	Redes	8
Cultura	9	Comparações entre grupos étnicos	8
Financiamento	9	Refugiados	7
Mercado étnico	8	Políticas públicas	6
Contexto familiar	8	Tomada de decisão	6

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2022.

As questões de gênero também são levantadas, especialmente nos negócios étnicos liderados por mulheres, que enfrentam barreiras características da cultura, religião, econômicas, enclave étnico, misoginia, dentre outros. Ainda assim, representam um papel importante no sustento de suas famílias, no enfrentamento do subemprego e no alcance de melhores

oportunidades de remuneração. Estudos futuros que relacionem gênero e poder, e, a maneira como as mulheres driblam suas barreiras podem avançar com o tema (Chreim et al., 2018, Cho, Moon, & Bounkhong, 2019, Munkejord, 2017, Ratten & Dana, 2017, Senthana et al., 2021, Song-Naba, 2020, Verduijn & Essers, 2013). Outros temas para estudos futuros são apontados no levantamento realizado, com destaque para: políticas públicas, comparação entre grupos étnicos e estudos internacionais em empreendedorismo étnico.

Considerações Finais

Este estudo avança em utilizar várias ferramentas de análise para apresentar as características da pesquisa em empreendedorismo étnico, seu desenvolvimento, suas abordagens teóricas e temas, bem como, sua agenda de pesquisa. A análise de citações e cocitações permitiu compreender como os pesquisadores do tema desenham sua ancoragem teórica a partir de quatro clusters. Isso facilita a compreensão e a construção teórica do tema de pesquisa, indicando a imersão social e a construção de redes coétnicas, bem como, a sociologia econômica como principais bases para a construção de novos avanços teóricos. A análise de conteúdo, por sua vez, demonstra como os estudos bibliométricos se complementam indicando caminhos futuros para a pesquisa e coadunando-se com os achados da análise de citação e cocitação. A análise de rede, porém, demonstra pequenas redes de colaboração. Isso pode indicar uma agenda de pesquisa que ainda precisa de mais relações e interações entre pesquisadores.

Ainda assim, pode-se notar que alguns pontos das pesquisas em EE se interseccionam, tais como: questões de gênero, construção de redes, recursos, financiamento, política internacional (refugiados), políticas públicas, etnicidade, mercado étnico, marginalização e preconceito.

Nos achados, destaca-se o trabalho de Chreim et al., (2018), pois, é o único estudo que está presente em três análises (citações, co-citações e na meta-análise das bibliometrias). Isso indica que o empreendedorismo étnico/migrante liderado por mulheres é um campo de interesse dos pesquisadores e tende a ganhar mais corpo de pesquisa nos próximos anos. No entanto, outros recortes de gênero dentro do EE podem ser abordados, como os atrelados à comunidade LGBTQIAP+.

Para além do abordado, importante avançar nos temas que não são abarcados na literatura, como exemplo o contexto do empreendedorismo étnico na América Latina e África. Cabe destacar que nesses países há diásporas e movimentos de migração de refugiados de países em desenvolvimento com menor renda para países em desenvolvimento com maior renda (McAuliffe & Triandafyllidou, 2021). O estudo ou a exclusão desse tema no *mainstream*, podem ser temas para pesquisas futuras. Outro fator importante é que consistentes redes étnicas também estão historicamente presentes na América Latina e África e, conseqüentemente, o mercado étnico ocorre nesse contexto sem que haja migração

Outro tema abordado com timidez é o engajamento dos empreendedores em determinados grupos étnicos (Changanti & Greene, 2002, Indart et al., 2020). O empreendedor pode engajar-se politicamente com uma causa, como o combate ao preconceito e a discriminação por exemplo, e utilizar o empreendedorismo como ferramenta para gerar alguma mudança significativa para seu grupo étnico. Esse tema de pesquisa poderia contribuir para o entendimento do empreendedorismo por engajamento frente ao convencional empreendedorismo por necessidade ou por oportunidade. Embora a discriminação, preconceito e marginalização sejam discutidos na análise de conteúdo, não se pode olvidar que existe um movimento mundial de xenofobia e preconceito que assola o bom senso da sociedade. Talvez, uma lente mais acurada dos pesquisadores pudesse trazer à tona esses temas espinhosos para que se lance luz sobre um outro lado das motivações dos empreendedores étnicos.

Como limitações, têm-se que as palavras-chave podem ter limitado os resultados do estudo. No entanto, a análise de cocitação envolvendo as referências utilizadas no artigo permitiu a inclusão de estudos relevantes para o campo que não necessariamente estivessem na pesquisa. Outra limitação repousa sobre os contornos entre empreendedorismo imigrante e étnico que ainda são

nebulosos dada a natureza das pesquisas, pois, nem todo empreendedorismo imigrante é étnico e vice e versa. Essa falta de clareza nas pesquisas é uma limitação para o estudo e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de clarificar o tema em outros esforços de pesquisa.

Por fim, espera-se que este estudo contribua na compreensão da evolução do tema do EE, especialmente para aqueles pesquisadores que buscam compreendê-lo de uma maneira crítica, na busca do avanço do conhecimento sobre empreendedorismo como um fenômeno eminentemente humano.

Referências

Alexandre, L., Salloum, C., & Alalam, A. (2019). An investigation of migrant entrepreneurs: the case of Syrian refugees in Lebanon. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(5), 1147-1164. doi: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-03-2018-0171>

Aliaga-Isla, R., & Rialp, A. (2013). Systematic review of immigrant entrepreneurship literature: previous findings and ways forward. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(9-10), 819-844. doi: 10.1080/08985626.2013.845694

Alrawadie, Z., Karayilan, E., & Cetin, G. (2019). Understanding the challenges of refugee entrepreneurship in tourism and hospitality. *The Service Industries Journal*, 39(9-10), 717-740. doi: 10.1080/02642069.2018.1440550

Awaworyi Churchill, S. (2017). Fractionalization, entrepreneurship, and the institutional environment for entrepreneurship. *Small Business Economics*, 48(3), 577-597. doi: <https://doi.org/10.1007/s11187-016-9796-8>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bolzani, D., & Boari, C. (2018). Evaluations of export feasibility by immigrant and non-immigrant entrepreneurs in new technology-based firms. *Journal of International Entrepreneurship*, 16(2), 176-209. doi: 10.1007/s10843-017-0217-0

Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In *The sociology of economic life* (pp. 78-92). Routledge.

Chababi, M., Chreim, S., & Spence, M. (2017). Are they really different: the entrepreneurial process from the perspective of first and second generation immigrant entrepreneurs. *Journal of Enterprising Culture*, 25(03), 263-295. doi: <https://doi.org/10.1142/S0218495817500108>

Chaganti, R., & Greene, P. G. (2002). Who are ethnic entrepreneurs? A study of entrepreneurs' socio-demographic, ethnic involvement and business characteristics. *Journal of Small Business Management*, 40(2), 126-143. doi: 10.1111/1540-627x.00045

Chreim, S., Spence, M., Crick, D., & Liao, X. (2018). Review of female immigrant entrepreneurship research: Past findings, gaps and ways forward. *European Management Journal*, 36(2), 210-222. doi: 10.1016/j.emj.2018.02.001

Chen, K. C., & Redding, G. (2017). Collaboration and opportunism as a duality within social capital: A regional ethnic Chinese case study. *Asia Pacific Business Review*, 23(2), 243-263. doi: <https://doi.org/10.1080/13602381.2017.1299400>

Cho, E., Moon, Z. K., & Bounkhong, T. (2019). A qualitative study on motivators and barriers affecting entrepreneurship among Latinas. *Gender in Management*, 34 (4), 326-343. doi: <https://doi.org/10.1108/GM-07-2018-0096>

Cruz, E. P., Falcao, R. P. Q., & Barreto, C. R. (2018). Exploring the evolution of ethnic entrepreneurship: the case of Brazilian immigrants in Florida. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. 24(5), 971-993 Doi: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-08-2016-0239>

Cruz, E. P., Falcão, R. P. Q., & Mancebo, R. C. (2020). Market orientation and strategic decisions on immigrant and ethnic small firms. *Journal of International Entrepreneurship*, 18(2), 227-255. doi: <https://doi.org/10.1007/s10843-019-00263-2>

Dheer, R. J., & Lenartowicz, T. (2018). Career decisions of immigrants: Role of identity and social embeddedness. *Human Resource Management Review*, 28(2), 144-163. doi: <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2017.05.010>

Donthu, N., Kumar, S., Mukherjee, D., Pandey, N., & Lim, W. M. (2021). How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 133, 285-296. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070>

Drori, I., Honig, B., & Wright, M. (2009). Transnational entrepreneurship and global reach. *Spec Issue Entrep Theory Prac*, 33, 1001-1022. doi: 10.1111/j.1540-6520.2009.00332.x

Evansluong, Q., Pasillas, M. R., & Bergström, H. N. (2019). From breaking-ice to breaking-out: Integration as an opportunity creation process. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(5), 880-899. doi: doi.org/10.1108/IJEBR-02-2018-0105

Falcao, R. P. Q., Machado, M. M., Cruz, E. P., & Hossein, C. S. (2021). Mixed embeddedness of Brazilian entrepreneurs in Toronto. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 27(7), 1724-1750. doi: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-08-2020-0527>

Fesselmeyer, E., & Seah, K. Y. (2017). Neighborhood segregation and black entrepreneurship. *Economics Letters*, 154, 88-91. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.econlet.2017.02.025>

Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510. doi: 10.1086/228311

Hack-Polay, D., Igwe, P. A., & Madichie, N. O. (2020). The role of institutional and family embeddedness in the failure of Sub-Saharan African migrant family businesses. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 21(4), 237-249. doi: <https://doi.org/10.1177/1465750320909732>

Howell, A. (2019). Ethnic entrepreneurship, initial financing, and business performance in China. *Small Business Economics*, 52(3), 697-712. doi: 10.1007/s11187-017-9980-5

Huff, A. S. (2008). *Designing research for publication*. Sage.

Igwe, P.A., Newbery, R., Amoncar, N., White, G.R.T. & Madichie, N.O. (2020), "Keeping it in the family: exploring Igbo ethnic entrepreneurial behaviour in Nigeria", *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 26(1), 34-53. doi: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2017-0492>

Ilhan-Nas, T., Sahin, K., & Cilingir, Z. (2011). International ethnic entrepreneurship: Antecedents, outcomes and environmental context. *International Business Review*, 20(6), 614-626. doi: 10.1016/j.ibusrev.2011.02.011

Indarti, N., Hapsari, N., Lukito-Budi, A. S., & Virgosita, R. (2020). Quo vadis, ethnic entrepreneurship? A bibliometric analysis of ethnic entrepreneurship in growing markets. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 13(3), 427-458. Doi: <https://doi.org/10.1108/JEEE-04-2020-0080>

Jones, T., Ram, M., Edwards, P., Kiselinchev, A., & Muchenje, L. (2014). Mixed embeddedness and new migrant enterprise in the UK. *Entrepreneurship & Regional Development*, 26(5-6), 500-520. doi: <https://doi.org/10.1080/08985626.2014.950697>

Kazlou, A., & Wennberg, K. (2021). How kinship resources alleviate structural disadvantage: self-employment duration among refugees and labor migrants. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, (ahead-of-print). doi: <https://doi.org/10.1108/JEC-03-2020-0025>

- Kerr, S. P., & Kerr, W. (2020). Immigrant entrepreneurship in America: Evidence from the survey of business owners 2007 & 2012. *Research Policy*, 49(3), 103918. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2019.1n03918>
- Kloosterman, R. C. (2003). Creating opportunities. Policies aimed at increasing openings for immigrant entrepreneurs in the Netherlands. *Entrepreneurship & Regional Development*, 15(2), 167-181. doi: 10.1080/0898562032000075159
- Kloosterman, R. C. (2010). Matching opportunities with resources: A framework for analysing (migrant) entrepreneurship from a mixed embeddedness perspective. *Entrepreneurship and Regional Development*, 22(1), 25-45. doi: <https://doi.org/10.1080/08985620903220488>
- Kloosterman, R., & Rath, J. (2001). Immigrant entrepreneurs in advanced economies: mixed embeddedness further explored. *Journal of ethnic and migration studies*, 27(2), 189-201. doi: <https://doi.org/10.1080/13691830020041561>
- Kloosterman, R., Van Der Leun, J., & Rath, J. (1999). Mixed embeddedness:(in) formal economic activities and immigrant businesses in the Netherlands. *International journal of urban and regional research*, 23(2), 252-266. doi: <https://doi.org/10.1111/1468-2427.00194>
- Lundberg, H., & Rehnfors, A. (2018). Transnational entrepreneurship: opportunity identification and venture creation. *Journal of International Entrepreneurship*, 16(2), 150-175. doi: 10.1007/s10843-018-0228-5
- Ma, Z., Zhao, S., Wang, T., & Lee, Y. (2013). An overview of contemporary ethnic entrepreneurship studies: themes and relationships. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 19(1), 32-52. doi: <https://doi.org/10.1108/13552551311299242>
- Malki, B., Uman, T., & Pittino, D. (2020). The entrepreneurial financing of the immigrant entrepreneurs: a literature review. *Small Business Economics*, 58, 1337-1365. doi:<https://doi.org/10.1007/s11187-020-00444-7>
- McAuliffe, M., Triandafyllidou A. (eds.), (2021). World Migration Report 2022. International Organization for Migration (IOM), Geneva. Recuperado de: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/wmr-2022-en_1.pdf
- Munkejord, M.C. (2017). Immigrant entrepreneurship contextualised: Becoming a female migrant entrepreneur in rural Norway. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 11(2), 258-276. <https://doi.org/10.1108/JEC-05-2015-0029>
- Nazareno, J., Zhou, M., & You, T. (2018). Global dynamics of immigrant entrepreneurship: Changing trends, ethnonational variations, and reconceptualizations. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(5), 780-800. doi: 10.1108/IJEER-03-2018-0141
- Ojo, S. (2021). Black African perceptions of entrepreneurial outcomes in the UK. *Society and Business Review*, 16(2), 278-305. doi: <https://doi.org/10.1108/SBR-06-2020-0087>
- Ram, M., Jones, T., & Villares-Varela, M. (2017). Migrant entrepreneurship: Reflections on research and practice. *International Small Business Journal*, 35(1), 3-18. doi: <https://doi.org/10.1177/0266242616678051>
- Ratten, V., & Dana, L. P. (2017). Gendered perspective of indigenous entrepreneurship. *Small Enterprise Research*, 24(1), 62-72. doi: 10.1080/13215906.2017.1289858
- Rodríguez-Gutiérrez, M. J., Romero, I., & Yu, Z. (2020). Guanxi and risk-taking propensity in Chinese immigrants' businesses. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(1), 305-325. doi: <https://doi.org/10.1007/s11365-019-00566-9>
- Selvarajah, C., & Masli, E. K. (2011). Ethnic entrepreneurial business cluster development: Chinatowns in Melbourne. *Journal of Asia Business Studies*, 5(1), 42-60.

Senthanar, S., MacEachen, E., Premji, S., & Bigelow, P. (2021). Entrepreneurial experiences of Syrian refugee women in Canada: A feminist grounded qualitative study. *Small Business Economics*, 57(2), 835-847. doi: <https://doi.org/10.1007/s11187-020-00385-1>

Sinkovics, N., & Reuber, A. R. (2021). Beyond disciplinary silos: A systematic analysis of the migrant entrepreneurship literature. *Journal of World Business*, 56(4), 101-223. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2021.101223>

Sithas, M. T. M., & Surangi, H. A. K. N. S. (2021). Systematic literature review on ethnic minority entrepreneurship: citation and thematic analysis. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 8(3), 183-202. doi: <http://dx.doi.org/10.29333/ejecs/791>

Schøtt, T. (2018). Entrepreneurial pursuits in the Caribbean diaspora: networks and their mixed effects. *Entrepreneurship & Regional Development*, 30(9-10), 1069-1090. doi: <https://doi.org/10.1080/08985626.2018.1515825>

Song-Naba, F. (2020). Entrepreneurial Strategies Of Immigrant Women In The Restaurant Industry In Burkina Faso, West Africa. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 25(03), 2050018. doi: <https://doi.org/10.1142/S1084946720500181>

Szkudlarek, B., & Wu, S. X. (2018). The culturally contingent meaning of entrepreneurship: mixed embeddedness and co-ethnic ties. *Entrepreneurship & Regional Development*, 30(5-6), 585-611. doi: [10.1080/08985626.2018.1432701](https://doi.org/10.1080/08985626.2018.1432701)

Tehseen, S., & Anderson, A. R. (2020). Cultures and entrepreneurial competencies; ethnic propensities and performance in Malaysia. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 12(5), 643-666. doi: <https://doi.org/10.1108/JEEE-10-2019-0156>

Tehseen, S., Deng, P., Wu, B., & Gao, Y. (2021). Culture values and entrepreneurial innovativeness: A comparative study of Malaysian ethnic entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*, 1-34. doi: [10.1080/00472778.2021.1934848](https://doi.org/10.1080/00472778.2021.1934848)

Verduijn, K., & Essers, C. (2013). Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(7-8), 612-630. doi: [10.1080/08985626.2013.814718](https://doi.org/10.1080/08985626.2013.814718)

Vershinina, N., & Rodgers, P. (2019). Migration, enterprise and society. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(5), 774-779. doi: doi.org/10.1108/IJEBR-08-2019-818

Zhou, M. (2004). Revisiting ethnic entrepreneurship: Convergencies, controversies, and conceptual advancements 1. *International Migration Review*, 38(3), 1040-1074. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2004.tb00228.x>

Wang, Y., & Warn, J. (2018a). Break-out strategies of Chinese immigrant entrepreneurs in Australia. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 25(2), 217-242. doi: <https://doi.org/10.1108/IJEBR-03-2017-0108>

Wang, Y., & Warn, J. (2018b). Chinese immigrant entrepreneurship: Embeddedness and the interaction of resources with the wider social and economic context. *International Small Business Journal*, 36(2), 131-148. doi: <https://doi.org/10.1177/0266242617726364>

Williams, N., & Krasniqi, B. A. (2018). Coming out of conflict: How migrant entrepreneurs utilise human and social capital. *Journal of International Entrepreneurship*, 16(2), 301-323. doi: [10.1007/s10843-017-0221-4](https://doi.org/10.1007/s10843-017-0221-4)

Yetkin, U., & Tunçalp, D. (no prelo). Beyond embedded or not embedded: immigrant entrepreneurs' embeddedness levels. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, [s.l.] [s. n.]

Yinger, J.M. Ethnicity. *Annual Review of Sociology*, v.11, p. 151–180, 1985.